

## Narrativa do espaço: práticas fotográficas educomunicativas

Silvia Cristina dos Reis<sup>1</sup>  
Filomena Maria Avelina Bomfim<sup>2</sup>  
Luciana Beatriz Chagas<sup>3</sup>

5

### Resumo

O objetivo do presente artigo é discorrer sobre as vivências fotográficas educomunicativas desenvolvidas com uma turma de secundaristas do município de Tiradentes, Minas Gerais. Estas ações compuseram a metodologia de pesquisa da dissertação desenvolvida no Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades, Sustentabilidade (PIPAUS), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), intitulada *A identidade da população local de Tiradentes/MG frente ao processo de gentrificação*. Os dados resultantes foram registrados na pesquisa mencionada. Sendo assim, apresentamos as práticas educomunicativas que destacam elementos conceituais das áreas das artes, das urbanidades e da sustentabilidade que constituem a técnica de coleta de dados empregada; a análise dos dados foi respaldada pela revisão de literatura dos conceitos de gentrificação, educomunicação, identidade cultural e fotografia, plataforma conceitual da referida dissertação.

**Palavras-chaves:** Educomunicação. Fotografia. Gentrificação. Identidade. Cartografia afetiva

<sup>1</sup> Mestra pelo Programa Interdepartamental de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes Urbanidades e Sustentabilidade, na linha Processo de Difusão: Popularização, Educação e Aplicabilidade, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Graduada em Comunicação Social /habilitação jornalismo (2017) e Letras /licenciatura (2010) ambas pela UFSJ. Atuou como bolsista de Iniciação Científica do CNPq, e Programa de Extensão VAN-Educomunicativa da UFSJ. É membro do Grupo de Estudos & Pesquisas em Educomunicação (GEPEducomufs), certificado pelo CNPq. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: educomunicação, cidadania, fotografia.

<sup>2</sup> É professora do Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades & Sustentabilidade (PIPAUS), da UFSJ. Possui graduação em Comunicação Social /Habilitação Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1979), mestrado no Graduate Centre For Journalism - City University, Londres(1992), mestrado em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1997) e doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003). Em julho de 2007, concluiu sua primeira pesquisa pós-doutoral no McLuhan Program in Culture and Technology (MPCT), na Universidade de Toronto (CANADA), sob a orientação do Prof. Dr. Derrick de Kerckhove. Como pós-doutora na área de Comunicação, Cultura e Tecnologia, a pesquisadora, especializou-se na avaliação da relevância do legado teórico de Herbert Marshall McLuhan na Academia Brasileira na atualidade. Além disso, é líder do Grupo de Estudos & Pesquisas em Educomunicação (GEPEducomufs), certificado pelo CNPq. Em 2017, finalizou sua segunda pesquisa pós-doutoral na Escola de Comunicação & Artes, da Universidade de São Paulo (ECA/USP), sob a supervisão do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares.

<sup>3</sup> Professora Adjunta na UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei, no curso de Bacharelado em Artes Aplicadas com ênfase em Cerâmica. Membro do Núcleo Docente Estruturante de Artes Aplicadas. Membro do corpo docente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS) - UFSJ. Doutora em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo – USP (2015), Mestre em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (1999) e Graduada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (Bacharelado em 1996 e Licenciatura em 2003). Artista plástica e ceramista.

## Abstract

*This article discusses about the photographic educative experiences developed with a group of high school students from the city of Tiradentes, Minas Gerais. These actions comprised the research methodology of the dissertation developed in the Interdepartmental Interdisciplinary Graduate Program in Arts, Urbanities, Sustainability (PIPAUS), from the Federal University of São João del-Rei (UFSJ), entitled The identity of the local population of Tiradentes / MG facing the gentrification process. The resulting data were recorded in the mentioned survey. Therefore, we present the educative practices that highlight conceptual elements from the areas of the arts, urbanities and sustainability that constitute the data collection technique employed; the data analysis was supported by the literature review of the concepts of gentrification, education, cultural identity and photography, the conceptual platform of the referred dissertation.*

**Palavras-chaves:** *Educative communication. Photography. Gentrification. Identity. Affective cartography*

*Inumeráveis são as narrativas do mundo.  
Roland Barthes*

Narrar é o ato/processo de contar, expor, relatar acontecimentos/histórias/estórias, por meio de exposição escrita, oral, entre outros. Tal prática é parte da natureza humana, “a narrativa está presente em todos os tempos, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma, povo algum sem narrativa” (BARTHES, 1971, p.18). Contudo, as narrativas e os tipos de exposição podem variar até mesmo dentro de um mesmo grupo de pessoas, pois cada narrativa é construída a partir do olhar daquele que conta/apresenta o fato narrado, a história.

Neste sentido, o presente artigo se propõe a relatar o estudo de caso do processo de gentrificação da cidade de Tiradentes, Minas gerais, analisado a partir de vivências fotográficas educativas desenvolvidas com uma turma de secundaristas da Escola Estadual Basílio da Gama, única escola de Ensino médio do município.

As referidas vivências fotográficas educativas compõem o objeto da pesquisa de mestrado intitulada *A identidade da população local de Tiradentes/MG frente ao processo de gentrificação*<sup>4</sup>, cujo objetivo geral consistiu em contribuir para o aprofundamento do aparato crítico-apreciativo<sup>5</sup> da população local do

<sup>4</sup>Pesquisa desenvolvida no Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades, Sustentabilidade (PIPAUS), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

<sup>5</sup> O conceito de aparato crítico-apreciativo é desenvolvido pela pesquisadora Filomena Maria Avelina Bomfim (2017), que explica que o surgimento desse conceito “nasceu de reflexões desenvolvidas [por ela] sobre os trabalhos do estudioso e professor Braga, *SCIAS.Arte/Educação, Belo Horizonte, v.9, n.1, p. 05-28, jan./jun. 2021*

município de Tiradentes. A amostra de pesquisa selecionada é composta pelos estudantes envolvidos nas experiências imagéticas em análise consideradas como práticas educacionais capazes de lançar luz a questões relacionadas ao processo de gentrificação ocorrido na região central de Tiradentes.

O termo gentrificação foi utilizado pela primeira vez em 1964, pela socióloga britânica Ruth Glass, de lá para cá vários estudiosos, como Smith (2006), Van Criekingen (2006) já se dedicaram ao tema. O resultado disso são diferentes visões/abordagens sobre o assunto (cf. BIDOUC-ZACHARIASEN, 2006). Além da complexidade e das diferentes abordagens sobre o assunto, outro ponto que dificulta uma definição precisa é o fato de o processo de gentrificação mudar de um lugar para outro, de forma que não é possível padronizá-lo e dizer que o processo ocorrido em determinado lugar vai acontecer da mesma forma em outro local (cf. BIDOUC-ZACHARIASEN, 2006). Ou seja, não existe um padrão para o fenômeno.

Entretanto, Ribeiro (2018) explica que, em se tratando de Brasil,

o termo gentrificação ganhou diversos “sinônimos”, como remoção branca, elitização, enobrecimento, etc., para se referir a um plexo de fenômenos diversos que vão desde as mudanças de frequentadores em determinada localidade até a remoção de moradores para intervenções de embelezamento urbano, sem maiores reflexões sobre os sentidos individuais destas referências e sua adequação à realidade fática a qual pretende-se subsumi-las. (RIBEIRO, 2018, p.2).

Ou seja, o vocábulo gentrificação tem sido empregado para definir as mais variadas dinâmicas do urbano, o que muitas vezes leva à uma distorção do conceito. Contudo, segundo a autora, no Brasil os processos de gentrificação seguem as características latino-americanas, a saber: “o forte apelo ao patrimônio cultural das cidades, a dependência de investimento (principalmente inicial) e de engajamento estatal, e o menor impacto dos processos” (cf. RIBEIRO, 2018, p.12). Algumas destas particularidades são observadas no caso de Tiradentes, cuja análise se deu a partir das práticas fotográficas educacionais aqui apresentadas.

O desenvolvimento do turismo em Tiradentes teve seu *boom* em meados dos anos de 1990 (cf. NEVES, 2013, p. 122), época em que o centro da cidade foi revitalizado, a fim de preservar o patrimônio histórico local. Tal fato aconteceu a partir de investimentos públicos e privados, razão pela qual as construções da região central foram vendidas a estrangeiros que as restauraram e transformaram em espaços comerciais. Em

---

que criou, sistematizou e registrou o conceito de sistema crítico-interpretativo” (BOMFIM, 2017, p. 33) definido como “[...] conjunto de atividades e proposições de diversos setores da sociedade em busca de critérios para julgar, avaliar e selecionar produtos e processos midiáticos, para tentar uma incidência sobre a produção e/ou para estimular as competências dos usuários”. (BRAGA 2003 apud BOMFIM, 2017, p. 33). Porém, segundo a autora, ao levar o conceito de Braga para o campo da educação ela tenta desenvolver “o conceito de aparato crítico-apreciativo que busca englobar tanto a seara de produção quanto a do consumo midiático em seus possíveis usos em processos de ensino-aprendizagem” (*op. cit.*, p. 33).

consequência, a população local, de baixo poder aquisitivo, vendeu seus imóveis e mudou-se para áreas periféricas, já que apenas pouquíssimos moradores tiveram condições de manter sua residência na área central. Dessa forma, o centro histórico foi se transformando em um espaço comercial para atender ao turista, cheio de lojas, bares, restaurantes, pousadas, entre outros.

A expansão do distrito sede ao longo das últimas décadas, a chegada de novos moradores e a mudança da população local da área central proporcionou o crescimento e a criação de novos bairros, porém com infraestrutura deficitária (vias sem pavimentação, sem transporte público entre outras facilidades). Tais modificações no espaço urbano propiciaram mudanças na identidade da população local, principalmente em relação ao Centro Histórico, que deixou de ser um espaço de convivência e se tornou um lugar de passagem, cuja rotina é alterada constantemente pelo fluxo de turistas e pelos eventos ali realizados.

As transformações ocorridas no município a partir dos anos de 1980, constituem indícios de que a área central da cidade se encontra num processo de gentrificação, cujas características incluem: o êxodo da população local dessa região e a chegada gradativa de estrangeiros com maior poder aquisitivo e nível de escolaridade; a “revitalização” do Centro Histórico atrelada à exploração do patrimônio histórico arquitetônico; o significativo investimento público e privado; a transformação do Centro Histórico em uma zona comercial elitizada (restaurantes, bares, cafés, pousadas, lojas, galerias, entre outros estabelecimentos); a valorização imobiliária e a elevação do preço dos imóveis nessa região e em seu entorno; o desenvolvimento da atividade turística; a divulgação da cidade na grande mídia; a utilização da população local como mão-de-obra de baixo custo; a perda dos referenciais identitários da população local para com essa localidade; e a mudança do público frequentador dessa área, entre outras singularidades.

O processo de gentrificação em Tiradentes se deu de forma paulatina, começou com a chegada de alguns estrangeiros interessados na preservação do conjunto arquitetônico da cidade – quase que intacto, apesar de deteriorado – de modo a surgirem iniciativas no sentido de “revitalizar” e preservar as construções do século XVIII. Para isso foram criadas parcerias entre a iniciativa pública e privada. Os imóveis revitalizados começaram a despertar interesse de uma segunda leva de estrangeiros, o que de certa forma aqueceu o mercado imobiliário da cidade que se encontrava em decadência econômica. Essa dinâmica se intensificou com o desenvolvimento do turismo e a divulgação de Tiradentes na grande mídia (pelo fato de ser cenário de produções da Rede Globo de Televisão) ao ponto de a valorização imobiliária elevar o preço dos imóveis a níveis altíssimos.

O desenvolvimento do turismo, atrelado à valorização imobiliária, promoveu alterações nas relações socioespaciais da população local, que se mudou para bairros periféricos ou em formação após a venda de seus imóveis na região central; e com isso se instaurou o processo de enfraquecimento identitário desses sujeitos para com o Centro Histórico que passou a ser organizado conforme o gosto dos visitantes. Assim, o que antes era uma área de residências se transformou em zona comercial, destinada a um público seletivo e de alto poder aquisitivo das grandes capitais brasileiras e do mundo já que é frequente a percepção de vários idiomas falados pela cidade. 9

Além disso, o desenvolvimento do turismo impulsionou a realização de inúmeros eventos no município que não condizem com a aspiração local e com o repertório cultural da cidade. Por isso pode-se dizer, que esses eventos constituem agentes gentrificadores de certos espaços públicos do município, haja vista que durante as festividades a população local, geralmente, participa como mão-de-obra e não como fruidora nessas ocasiões. Dessa forma a comunidade tiradentina vive um dilema de sobrevivência: entendem que os eventos são importantes para a manutenção do fluxo de visitantes na cidade e conseqüentemente, para garantir trabalho, porém não se identifica com eles, além de ter sua rotina continuamente alterada por eles.

Assim sendo, devido à complexidade do processo de gentrificação e de sua interferência direta na vida da população nativa – principalmente a de menor poder aquisitivo – o estudo de caso do fenômeno em Tiradentes se propõe a observar a questão de forma inter/transdisciplinar, levando em consideração diferentes campos do saber, como educomunicação, urbanidades, entre outros, as artes.

As vivências fotográficas, em questão, são pautadas pelos princípios da educomunicação, definida por Soares (2017) como

o paradigma gerador e orientador de práticas voltadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e democráticos nos espaços educativos, mediados pelos processos e recursos da comunicação, tendo como meta construir e favorecer processos educativos que se voltem ao pleno exercício do direito de expressão a serviço da cidadania. (Informal verbal)<sup>6</sup>.

Ou seja, por meio de recursos e/ou ferramentas da comunicação, a educomunicação visa estabelecer e facilitar a promoção de ecossistemas comunicativos<sup>7</sup> não hierárquicos e acessíveis a todos os presentes nos

<sup>6</sup>Definição apresentada por Ismar de Oliveira Soares em palestra ministrada no evento Educomunicar para refletir e mobilizar promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educomunicação (GEPEducomufsj), realizado na UFSJ, em 28 de setembro de 2017.

<sup>7</sup>Refere-se “às teias de relações das pessoas que convivem nos espaços onde esse conjunto de ações são implementados” (SOARES, 2011, p.37).

espaços educativos formais e não-formais. E por se tratar de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos, as práticas educomunicativas são construídas em conjunto, de forma que todos os envolvidos possam, de alguma maneira, propor e contribuir, através da bagagem de conhecimentos trazida por eles, com a livre expressão e exercício do seu direito de cidadão.

Além disso, a construção das vivências levou em consideração a identidade cultural dos estudantes envolvidos, referente ao conjunto de símbolos, histórias, vivências, características da paisagem geográfica, objetos, crenças, entre outros diferenciais, e as manifestações culturais com as quais a população local da cidade de Tiradentes se identifica e utiliza como parâmetro para se diferenciar dos turistas e dos forasteiros, ou seja, os moradores que não são naturais de Tiradentes. Isso porque, conforme explica Castells (2018, p 55), são os indivíduos, os grupos sociais e a sociedade que constroem as identidades a partir do processamento e reorganização dos significados da “matéria fornecida pela história, geografia, biologia”, assim como “por instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso”, de modo que, para ele, a construção social da identidade coletiva “sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder”. Ou seja, as diferentes formas de identificação se dão a partir de negociações e embate entre os atores sociais e a sociedade, bem como entre as instituições e suas estruturas.

Outro ponto considerado, na condução das vivências, é o caráter informativo e artístico da fotografia capaz de evidenciar tanto os traços de sociedade e relações socioespaciais não sustentáveis, quanto os aspectos que promovem a sustentabilidade. Uma vez que, para Flusser (1985) e Sontag (2004) as fotografias são formas de adquirir informação e informar, uma vez que são amplamente difundidas. Barthes (2009), também ressalta essa característica da fotografia como sendo uma de suas funções, assim como “representar, surpreender, dar significação, provocar desejo” (cf. BARTHES, 2009, p. 37).

Além disso, a fotografia, no estudo em foco é considerada uma ferramenta educomunicativa, pois constitui um dispositivo midiático informativo portador de intencionalidade e parcialidade. Assim sendo, o fotógrafo escolhe o que quer mostrar conforme o contexto e a cultura na qual está inserido. A fotografia é o meio que aquele que manipula o aparelho fotográfico tem para evidenciar sua subjetividade e a dos espectadores, posto que a imagem originada representa tanto à identidade cultural do fotógrafo, quanto a do espectador, uma vez que na fotografia existe espaço para o imaginário e a criação. Além disso, as imagens fotográficas

são capazes de sensibilizar o observador para aspectos do urbano e questões culturais que passam despercebidos ao olhar superficial.

Contudo, metodologia utilizada na implementação das vivências fotográficas educacionais foi a cartografia afetiva; sua escolha deve-se ao fato de ela privilegiar o processo ao invés dos resultados propriamente ditos. Adicionalmente, por ser um método que se atém mais ao processo, a cartografia possibilitou que as vivências fossem construídas no dia a dia, ou seja, a cada encontro e a partir do interesse dos envolvidos. Além disso, a cartografia não é uma metodologia rígida, mas aberta a múltiplas formas de agir e interpretar; não é sequencial, visto que, não há um começo e um fim preestabelecido (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 52), de modo a permitir, sempre que necessário, a mudança ou adaptação do percurso que estava sendo trilhado.

### **Ações fotográficas educacionais**

Ações, práticas, vivências foram denominações usadas como referência ao trabalho educacional realizado com os secundaristas da turma 3º ano do Ensino Médio da Escola Basílio da Gama. É importante ressaltar que cada uma das ações aqui apresentadas foi adaptada ao modelo de ensino vigente nessa instituição de ensino. Ao todo foram realizadas cinco vivências, a saber: cartografia afetiva, aplicação de formulário, noções básicas de fotografia, práticas fotográficas e passeio fotográfico.

A primeira ação proposta aos estudantes secundaristas foi a cartografia afetiva, que consiste na criação de cartas (mapas) afetivos da cidade de Tiradentes.

O objetivo geral dessa vivência era identificar com quais pontos da cidade (praças, restaurantes, lojas, monumentos, igrejas, museus e etc.) os estudantes tinham mais afinidades e se reconheciam e quais lugares eram menos acolhedores. Além disso, essa ação visava verificar a causa de determinado lugar despertar sentimentos diferenciados (de apreciação ou rejeição) nos estudantes e abordar questões relacionadas às práticas de sociabilidade no espaço público, bem como, conhecer as preferências e os interesses dos secundaristas.

As cartografias afetivas produzidas pelos secundaristas suscitaram a necessidade de conhecer um pouco mais sobre a realidade de cada participante e o contexto no qual estavam inseridos. Sendo assim, foi criado um formulário composto de questões relacionadas ao núcleo familiar e percepção dos envolvidos para com o

bairro onde residem e a cidade como todo. As questões levantadas pelos estudantes ao final dessa vivência inspiraram a elaboração da próxima prática (noções básicas de fotografia). Haja vista que dentre os objetivos das ações educacionais realizadas com os secundaristas, havia a proposta de realizar uma mostra com as fotografias produzidas por eles.

Por essa razão, uma oficina sobre noções básicas de fotografia tornou-se fundamental para aprimorar o olhar fotográfico no momento da captura das imagens. A fim de tornar esta vivência mais didáticas os conceitos de básicos de fotografia foram revisados por meio de textos e imagens. Nesse sentido, optou-se por uma apresentação de *slides* usando pequenos textos e imagens com o objetivo de apresentar aos estudantes os conceitos de ISO<sup>8</sup>, abertura do diafragma, velocidade, dentre outros princípios da fotografia; discorreu-se também sobre diferentes possibilidades de enquadramento, exploração de ângulos variados, composição e como é possível explorar as potencialidades do aparelho fotográfico na hora de fazer fotos. Outro ponto discutido foi a intenção do ato fotográfico e como é importante o fotógrafo saber trabalhar com essas variantes para atingir seus objetivos. Vale destacar que na apresentação de *slides* contrapôs-se imagens antigas e atuais da cidade de Tiradentes tanto para discorrer sobre técnicas fotográficas, quanto para abordar as mudanças socioespaciais na área central do distrito sede.

Ainda, nesse encontro discutiu-se um pouco sobre os fios condutores da pesquisa de mestrado, educação, identidade cultural, gentrificação, fotografia e sustentabilidade.

O conceito que mais chamou atenção dos estudantes foi o de gentrificação, pois nenhum dos envolvidos conhecia a palavra, mas assim que tiveram a noção do que se tratava, todos foram capazes de identificar alguma característica da cidade de Tiradentes que poderia estar relacionada a esse fenômeno.

A fim de familiarizar os estudantes com equipamentos fotográficos semiprofissionais e capacitá-los a manusear esses aparelhos, optou-se por elaborar a vivência de práticas fotográficas educacionais, os envolvidos tiveram a chance de manusear a câmera semiprofissional (Canon T5 e Canon T5i). Essa vivência aconteceu dentro do ambiente escolar, na quadra poliesportiva (figura 1).

**Figura 1:** Estudante observa na tela da câmera as variáveis ISO, abertura do diafragma e velocidade.

<sup>8</sup>Velocidade ISO ou ISO - *International Standards Organization* - é a unidade de medida que designa a sensibilidade do sensor da câmera em relação à luz do ambiente.



**Autor:** Preto. **Fonte:** Acervo pessoal.

Devido ao fato de na quadra poliesportiva não haver muitas opções para fotografar os estudantes optaram por produzir imagens uns dos outros, conforme mostrado nessa sequência de imagens.

Esta vivência foi um ensaio para o passeio fotográfico, uma vez que na escola os estudantes treinaram o manuseio da câmera, enquadramento e composição. Contudo, essa quinta ação se distingue das demais, principalmente pelo fato de acontecer fora do ambiente e horário escolar. Sendo assim, elegeu-se o *Whatsapp* como ferramenta de comunicação para agendar os passeios fotográficos e sanar possíveis dúvidas em relação a essa ação.

Contudo apenas dois dos envolvidos se disponibilizaram para as saídas fotográficas, mas em datas diferentes. Então, agendou-se dois passeios (terça-feira e sábado). O primeiro foi com a estudante L, moradora do bairro Várzea de Baixo, que sugeriu de sair da Praça da Estação e caminhar pela linha do trem até seu bairro capturando imagens.

O passeio com L foi bem descontraído e durante as duas horas de caminhada pela cidade, ela falou um pouco sobre seu bairro, preferências, entre outras coisas.

É importante destacar devido a exigências *Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos* (CEPESH) a identidade dos estudantes foi preservada, de forma que os envolvidos são identificados neste estudo por uma letra do alfabeto.

Depois do passeio foi feita uma pré-seleção das imagens para evitar repetições, estas fotos foram enviadas primeiramente para L, e depois da sua aprovação, para grupo de *Whatsapp Exposição Olhares*, com o intuito de despertar interesse nos demais estudantes. As fotos de L foram aprovadas pelos colegas que a parabenizaram e enviaram *emoticons* de coração.

Já o segundo passeio foi realizado no sábado, o estudante Q iniciou sua caminhada na Praça do Largo das Forras. Mas preferiu não fotografar o Centro Histórico; então, fez algumas fotos do Largo das Forras e seguiu em direção ao Alto do São Francisco, passando pelos bairros Prainha e Cascalho. Durante a caminhada o estudante comentou que estava fotografando, a cidade em geral, enquadramento, luz, entre outros assuntos.

Esse estudante reside no bairro Cuiabá. Entretanto, não quis fotografar o lugar onde vive, pois segundo ele lá não tinha nada interessante para fotografar, somente “morros e ruas esburacadas”.

Depois do passeio, repetiu-se o mesmo processo usado com as fotos da estudante L e a reação dos colegas para com as fotos do estudante Q foram similares às manifestadas com as imagens da estudante L.

Os demais estudantes que não dispuseram de agenda para realizar o passeio fotográfico produziram imagens com seus celulares e enviaram para o grupo de *Whatsapp*.

Apesar de nessas vivências o número de participantes ter sido bem menor que nas outras, ela foi bastante significativa, pois as fotos produzidas trazem detalhes do urbano que os estudantes secundaristas vivenciam e esses recortes diferem bastante das imagens de Tiradentes enquanto cidade turística popularmente divulgada. Além disso, essas imagens integraram a exposição *Olhares: uma narrativa do cotidiano*<sup>9</sup>, a *mostra* ficou em cartaz de 17 de agosto a 8 de setembro de 2019, no Museu Casa Padre Toledo, localizado no centro de Tiradentes, Minas Gerais (figura 2).

**Figura 2:** Imagens da abertura da exposição *Olhares* em 17 de setembro de 2019.



**Autora:**

Silvia Cristina dos Reis. **Fonte:** Acervo pessoal.

<sup>9</sup>Confira o release de divulgação no site Campus Cultural UFMG em Tiradentes. Disponível em: <[https://www.ufmg.br/campustiradentes/index.php/2019/08/23/aberta-no-dia-17-de-agosto-a-exposicao-olharesuma-narrativa-do-cotidiano-pode-ser-vista-ate-8-desetembro/?fbclid=IwAR1yG\\_BuZH9ZWzCKkKBygb1vf0G7dFZ6bwo7lTvTneu4sqv8MHLqT7UE8RE](https://www.ufmg.br/campustiradentes/index.php/2019/08/23/aberta-no-dia-17-de-agosto-a-exposicao-olharesuma-narrativa-do-cotidiano-pode-ser-vista-ate-8-desetembro/?fbclid=IwAR1yG_BuZH9ZWzCKkKBygb1vf0G7dFZ6bwo7lTvTneu4sqv8MHLqT7UE8RE)>. Acesso em: 20 set. de 2019.

Vale destacar que a abertura da exposição, bem como o período de visitação foi amplamente divulgado entre os estudantes da turma 3º ano e a comunidade escolar via comunicação oral, *e-mail* e *Whatsapp*. Contudo, a escola não enviou representante ao evento de abertura e nem levou as turmas para visitar a exposição, segundo informações fornecidas por funcionários do museu. Entretanto, logo após a desmontagem da exposição no museu, a pedido professor de artes, a exposição foi novamente montada, agora, na Escola Estadual Basílio da Gama, durante a mostra de projetos culturais realizada pela instituição. Essa nova montagem foi significativa, pois durante esse evento pais, professores, funcionários e estudantes de outras turmas tiveram a oportunidade de contemplar os trabalhos dos secundaristas da turma do 3º ano (figura 3), o que de certa forma promoveu o reconhecimento e a elevação da autoestima dos envolvidos.

**Figura 3:** Visitação da exposição pela comunidade escolar.



**Autora:** Silvia Cristina dos Reis. **Fonte:** Acervo pessoal.

## Cartografia afetiva dos mapas e dos formulários

Durante cada uma das ações apresentadas, observou-se o modo como os estudantes interagem, o que suscitou alguns questionamentos em relação ao cotidiano e a realidade desses jovens para além do ambiente educacional. E foi a partir das conversas e tabulação das informações obtidas por meio de formulários que se traçou o perfil da turma e a reação de cada um dos envolvidos.

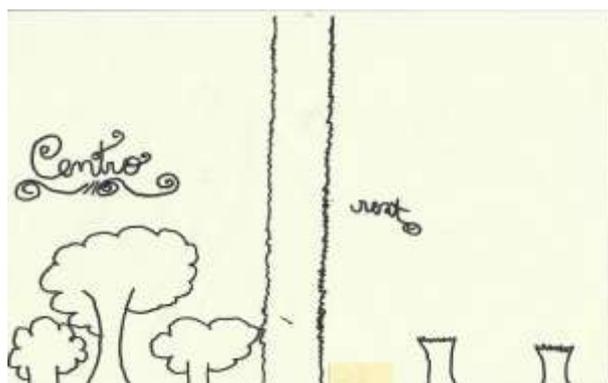
A princípio, na vivência nº 1, um dos pontos mais intrigantes, foi a indicação do supermercado por parte da turma como um dos lugares preferidos pelos estudantes; adolescentes gostarem de supermercado causou estranheza, mas ao longo do tempo, essa preferência pelo Esquinão<sup>10</sup> registrada em algumas das cartas afetivas se justificou tanto pela proximidade da escola quanto pelo preço acessível dos alimentos preferidos por eles. Isso quer dizer que o supermercado constitui para os estudantes um espaço de convivência nos horários que antecedem as aulas e após a saída da escola. Outros lugares mencionados nas cartas afetivas,

<sup>10</sup>Nome do único supermercado em Tiradentes.

como preferidos foram respectivamente, o Alto do São Francisco – área aberta em um ponto alto onde se vê a cidade e serra; o Largo das Forras – praça central; a escola e a Serra de São José – área de preservação ambiental do município com trilhas e cachoeiras.

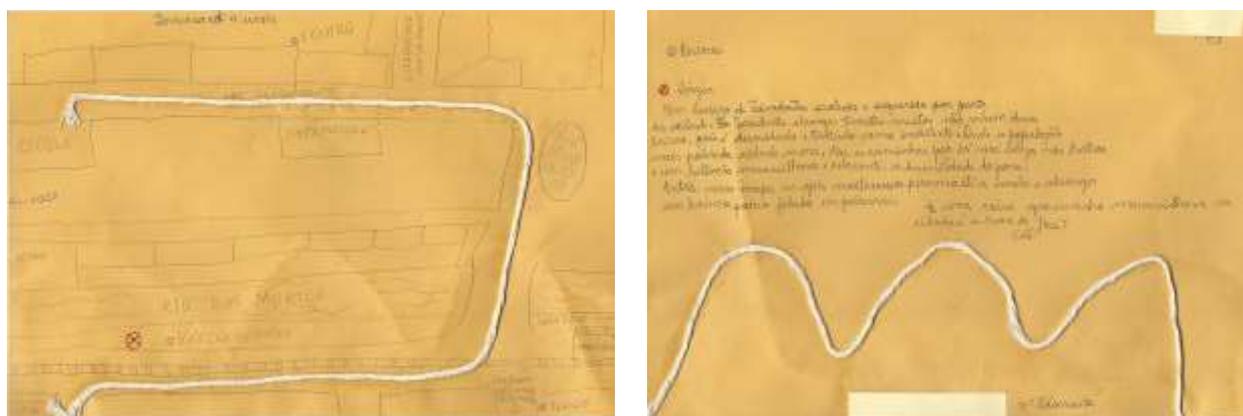
Adicionalmente, alguns dos estudantes apontaram, através dos desenhos, problemas da cidade, como por exemplo, o lixo; a quantidade de resíduos descartados nas ruas durante os eventos sediados pelo município, provocam insatisfação nos estudantes, tanto que em alguns dos encontros esse problema foi abordado oralmente pelos secundaristas, assim como nas respostas dos formulários. Além disso, das cartografias afetivas apresentadas pelos secundaristas, duas são um tanto emblemáticas: a figura 4 e 5.

**Figura 4:** Mapa afetivo sobre a cidade partida



**Autor:** Estudante M. **Fonte:** Acervo pessoal

**Figura 5:** Mapa afetivo traçando o percurso da Escola até o bairro Várzea de Baixo



**Autora:** Estudante J. **Fonte:** Acervo pessoal.

A primeira carta apresentava uma cidade dividida, isso porque, segundo o jovem M, “Tiradentes é dividida entre o centro e o resto; para o centro tudo e o resto nada”. Nessa carta afetiva, toda a infraestrutura de que a área central se beneficia foi simbolizada pelas árvores inteiras e pela caligrafia da palavra centro; a *SCIAS.Arte/Educação, Belo Horizonte, v.9, n.1, p. 05-28, jan./jun. 2021*

infraestrutura deficitária dos bairros periféricos, é simbolizada pelas árvores cortadas e a caligrafia da palavra resto, quase perdendo a última letra.

Já a segunda carta afetiva, descreveu o caminho percorrido entre escola e a casa da estudante J, inclusive as ruas são especificadas com seus respectivos nomes. Entretanto, no verso desse desenho existia um pequeno texto onde, de maneira simples, a adolescente lança luz aos mesmos problemas apresentados na primeira carta afetiva referente ao secundarista M: a forma desigual com que a área central e os bairros periféricos são assistidos pelo poder público, enfatizando que os moradores da região retratada são de baixo poder aquisitivo, conforme frisado no trecho:

#### Várzea

Um bairro de Tiradentes isolado e esquecido por parte da cidade. Tiradentes por abranger turistas, muitos não sabem desse bairro, pois é descuidado e tratado como inexistente. Onde a população mais pobre da cidade mora. Mas se caminhar por lá verá beleza nos trilhos e um silêncio maravilhoso e relaxante, a humildade do povo.

Então, nesse mapa eu quis mostrar meu percurso até a escola e abranger um bairro pouco falado em palavras.

E uma coisa que eu acho maravilhosa na cidade de Tiradentes é a serra de São José. (ESTUDANTE J, 2019)

Contudo, essa estudante demonstrou empatia com o lugar que habita e com sua população, pois além da beleza do percurso, ressalta a humildade da comunidade residente na área.

Outro tema presente em ambas as cartografias afetivas e recorrente nas demais foi o destaque conferido ao ambiente ecológico. O estudante M se utiliza da natureza para contrastar o “centro” e o “resto” da cidade; J por sua vez destaca a Serra de São José como algo maravilhoso; nas outras cartografias a Serra de São José é destacada inúmeras vezes pelos estudantes.

As cartografias afetivas, de modo geral, apresentaram um mapeamento dos lugares da cidade que esses jovens frequentam bem como a afetividade por esses espaços, seja ela positiva ou negativa. Do mesmo modo, evidenciaram alguns pontos de tensão na relação entre os envolvidos e o turismo, como por exemplo, as avaliações negativas dos eventos e da falta de atividades de lazer para o público jovem. Conforme mencionado anteriormente, a vivência da cartografia afetiva trouxe informações que suscitaram mais perguntas, relativas a naturalidade dos jovens, local de residência, vinculação a uma atividade produtiva, entres outros questionamentos. Assim sendo, elaborou-se o formulário, cujas respostas foram catalogadas de

acordo com as seguintes tópicos: dados pessoais, grupo familiar, opinião sobre o bairro que habita; opinião sobre a cidade e opinião sobre o calendário festivo da cidade.

A partir dos dados montou-se o perfil dos secundaristas que compuseram o *corpus* da pesquisa. Os estudantes oscilam entre 16 a 19 anos; a maioria divide o tempo entre o estudo e o trabalho; dentre os 18 envolvidos que responderam às entrevistas, seis afirmaram não exercer atividade remunerada, enquanto os outros 12 afirmaram trabalhar, seja esporadicamente, seja exercendo outras funções, tais como, eletricista, marceneiro, cozinheira, artesanato e estagiária no museu. No que se refere ao lazer, as atividades mais mencionadas foram jogar futebol, assistir TV, dormir e passear; tocar violão, fotografar, ler, entre outras práticas. Apesar de grande parte dos secundaristas terem justificado a não participação nas atividades extraclasse por falta de tempo ou por trabalhar, dentre aqueles que produziram imagens para a exposição e participaram das vivências, metade estuda e trabalha.

Os dados em questão foram fundamentais para entender que metade dos secundaristas não são naturais de Tiradentes, indicando que a cidade continua recebendo novos moradores, em função da atividade turística, haja vista que muitos dos estudantes, durante as conversas em sala de aula, relacionaram a busca por trabalho com a mudança para Tiradentes.

O grupo familiar da maioria dos envolvidos é composto por pai, mãe e irmãos, sendo que o número de irmãos varia entre um e sete; as áreas de atuação dos pais são bem heterogêneas, porém as ocupações mais recorrentes são de dona de casa, cozinheiro (a), camareira, serviços gerais e empregada doméstica; entretanto, padeiro, pedreiro, atendente, operador de máquinas, auxiliar de tesouraria, ferreiro, diarista, motorista, taxista, calceteiro, topógrafo, cantineira, artesão, comerciante e caminhoneiro sejam profissões igualmente mencionadas.

As informações fornecidas pelos secundaristas demonstraram que a maioria desses jovens são de baixo poder aquisitivo e estão no mercado de trabalho, ainda que informalmente; residem em bairros periféricos e de infraestrutura deficitária, uma vez que apenas um dos discentes mora no centro da cidade. Os demais estudantes, em sua maioria, vivem em bairros periféricos.

As informações fornecidas pelos estudantes indicam que metade deles não estavam satisfeitos com o bairro em que habitam por razões diferenciadas como, por exemplo, a distância do centro, a falta de saneamento básico, o barulho e a vizinhança, entre outros apontamentos; por outro lado, alguns dos estudantes que

afirmaram gostar do bairro onde vivem argumentaram que a localidade é calma, segura, perto da natureza, acessível, dentre outras facilidades. Além disso, quando questionados sobre o que gostariam de mostrar em seus bairros, novamente a natureza foi apresentada como motivo de orgulho, por meio de referências à Serra de São José, ao rio ou à cachoeira. Entretanto, o meio ambiente ecológico constitui ao mesmo tempo motivo de preocupação, uma vez que a estudante E preferiu não mostrar o lugar onde vive para preservá-lo; pontos turísticos e estabelecimentos comerciais também foram exaltados pelos secundaristas. Por outro lado, existia estudantes que não gostavam do seu bairro ou o achavam feio; salientaram principalmente os inconvenientes, como por exemplo, buracos e imperfeições, ou simplesmente afirmam não existir nada a ser destacado como positivo. Adicionalmente, estes dados sinalizaram que o município continua em expansão, uma vez que alguns estudantes relataram que nos últimos anos aumentaram os números de edificações em seus bairros, bem como o asfaltamento e a iluminação das vias.

No que se refere a Tiradentes enquanto cidade turística, metade dos envolvidos afirmaram gostar de viver no município e salientaram os eventos, a tranquilidade, o fluxo de pessoas, a oferta de emprego, a beleza e a história do município como justificativa. Por outro lado, a falta de opção de lazer para o público jovem, os turistas, as alterações que os eventos causam na vida cotidiana e os padrões de conduta de uma cidade histórica causam insatisfação em alguns estudantes.

A fim de tornar o município mais agradável, foi sugerido pelos secundaristas melhorias na infraestrutura, na organização, no trânsito, na administração pública, na coleta de lixo; maior atenção às demandas públicas dos moradores; a preservação dos cursos da água, da fauna e da flora da localidade; a construção de um *shopping*, além de tornar o comércio tiradentino acessível à população local, uma vez que o custo de vida em Tiradentes é alto. Conseqüentemente, a avaliação que os secundaristas fazem do comércio é negativa, porque, na maioria dos casos, os preços são definidos como abusivos e inacessíveis. Por isso, os locais mais frequentados pelo público-alvo são lanchonetes, pizzarias e restaurantes como preços mais acessíveis.

Por outro lado, a leitura das respostas do formulário tornou possível discernir que, em alguns casos, os espaços citados coincidem como o local de trabalho do estudante ou de algum membro do grupo familiar. Isso significa que os estudantes frequentam esses lugares para trabalhar ou para encontrar algum membro da família.

Já em relação ao calendário festivo de Tiradentes, a maioria dos estudantes avaliou como bom. Entretanto, muitas dessas respostas positivas foram pautadas no argumento de que os eventos geram empregos, atraem turistas e proporcionam lucro. Apenas dois dos entrevistados, qualificaram os eventos como sendo algo “legal”, bem como uma oportunidade de conhecer novas pessoas e culturas. Ou seja, os eventos atendem ao objetivo de movimentar o turismo no município, razão pela qual são bem vistos, o que não significa que os estudantes participem dos mesmos.

As festividades mais populares entre os secundaristas são o Carnaval, o Festival de Cultura e Gastronomia Tiradentes, o *Bike Fest* Tiradentes, o Réveillon, a Mostra de Cinema de Tiradentes, respectivamente. Em contrapartida, os eventos que mais receberam avaliações negativas são o *Bike Fest* Tiradentes e a Mostra de Cinema de Tiradentes. A Festa da Santíssima Trindade, um dos eventos mais antigos do município, que antecede a atividade turística, foi citada pelos estudantes B e M. O primeiro explicou sua participação nessa comemoração como sendo uma tradição. Já o segundo, afirma não gostar e nem participar da celebração, pois, na visão dele, esse evento não recebe a atenção necessária justamente pelo fato de ser destinado aos moradores.

Os dados das cartografias afetivas, assim como dos formulários, no que se refere a questões relacionadas à atividade turística, indicaram a existência de sentimentos contraditórios: os envolvidos compartilham da ideia de que essa atividade é fundamental para o município, mas, ao mesmo tempo, se sentiam preteridos, porque a maioria das ações culturais da cidade tendem a promover o turismo apenas para atrair visitantes. Apesar disso, essas iniciativas movimentam a economia e impulsiona o surgimento de novas vagas no mercado de trabalho. Adicionalmente, os bairros periféricos não dispõem de infraestrutura similar às da área central.

### **As ações sob o viés da educomunicação**

As ações educomunicativas aqui apresentadas não tiveram um número fixo de estudantes essa variação entre uma vivência e outra tem motivos distintos, a saber: as vivências cartografia afetiva, aplicação de formulários, noções básicas de fotografia e práticas fotográficas, ocorreram no âmbito escolar, de modo que todos os discentes presentes em sala de aula participaram sem que houvesse nenhuma imposição. Porém, a vivência passeio fotográfico, o fato de ser extraclasse pode ser considerado como uma das principais causas do número reduzido de participantes. Prevendo isso, antes dessa ação, propôs-se a supervisora de ensino a

possibilidade de realizá-la em horário escolar; porém, segundo ela, isso não seria possível, visto que as vivências só poderiam ocorrer durante a aula de artes. Essa postura da instituição evidenciou a dificuldade de se trabalhar conteúdos de forma interdisciplinar, pois a ação proposta poderia envolver diferentes disciplinas, como por exemplo, artes, geografia, história, física, entre outras áreas do saber: isso constitui um dos princípios do fazer educacional, que busca o envolvimento da comunidade escolar como todo. Quanto à participação na abertura da exposição, além de terem ocorrido extramuros, os estudantes tinham total liberdade para participar ou não, algo que não é comum dentro do âmbito escolar local, onde os discentes estão acostumados a seguir ordens e normas: eles fazem aquilo que é obrigatório e que envolve atividade geradoras de pontos. Porém, a proposta em questão estava na direção contrária de tudo isso, já que os envolvidos tinham total liberdade de escolha. Sendo assim, acredita-se que o problema é que os estudantes são treinados para seguir regras e normas. Portanto não são estimulados a aprender a aprender, o que constitui um outro princípio da educação. Dessa forma, quando eles têm a oportunidade de escolha não sabem como lidar com esse novo paradigma, exemplo disso é que quando os estudantes tiveram a oportunidade de decidir fazer ou não fazer determinada atividade sem que isso implicasse perda de pontos, a maioria preferiu não fazer. Isso quer dizer que se considerarmos o padrão identitário vigente na cidade de Tiradentes algumas evidências podem ser destacadas no sentido de entender a lógica que preside a leitura da realidade por parte dos estudantes. Dentro dessa abordagem cultural, no caso específico da abertura da exposição, considerou-se que o horário (às 15 horas) e o dia (sábado) escolhido favoreceram para o não envolvimento dos estudantes uma vez que no fim de semana a jornada de trabalho no comércio é período integral. Entretanto, não havia outra possibilidade, haja vista que o museu fecha às 16:30 horas. A escolha desse local para a mostra se referiu a duas questões específicas: fazer a exposição em algum espaço no Centro Histórico com o intuito de os estudantes se apropriarem dessa área da cidade; além disso, pretendia-se mostrar aos estudantes que o acesso a esses espaços é possível, tendo em conta que durante as ações em sala de aula eles reclamaram da dificuldade em realizar atividades escolares (apresentações) em espaços do Centro Histórico.

Por se tratar de ações norteadas pela educação, as atividades realizadas com os secundaristas partiram do princípio da interdisciplinaridade entre diferentes campos do saber. Além disso, a experiência prévia dos envolvidos foi levada em consideração, seja no momento de elaboração das ações, seja na sua realização. Os estudantes tiveram a oportunidade de opinar e de propor novos direcionamentos para as

atividades; dividir suas experiências com os demais; contar histórias da cidade e de cunho pessoal; durante o passeio fotográfico foram os condutores da atividade através da escolha do trajeto e o motivo fotografado.

As ações também estimularam a criatividade dos secundaristas ao longo da produção das cartografias afetivas, nas conversas em sala de aula e na produção de imagens. As cartografias afetivas exemplificam bem a criatividade dos envolvidos, uma vez que cada um representou a cidade a seu modo, exaltando as características que consideraram pertinentes destacar; para isso diferentes artifícios foram utilizados (figura 6).

**Figura 6:** As diferentes técnicas utilizadas para representar a cidade.



Fonte:

Acervo pessoal.

Em se tratando das imagens fotográficas, a singularidade dos secundaristas pôde ser observada na escolha dos ângulos, enquadramentos e composição, conforme mostra a sequência da figura 7. As imagens em questão refletem também a variedade de temas abordados, a identidade cultural e o cotidiano dos envolvidos. Além disso, as imagens mostram que os estudantes possuem mais afinidade com as áreas periféricas e o meio ambiente ecológico do que com a região central.

**Figura 7:** Imagens produzidas pelos estudantes D, Q, L, G, V, T e S.





**Autores:** Tuti, Veltti, Cali, Lawier, Phaniistuff, Preto e Felps. **Fonte:** Arquivo pessoal.

Além disso, durante o passeio fotográfico, bem como no decorrer da produção de imagens, os estudantes foram os protagonistas da ação. Não havia nenhuma hierarquia, pois se estava fora do âmbito escolar caminhando por lugares que eles conheciam, de modo que se sentiam confortáveis para contar as histórias que só quem habita o lugar sabe, como por exemplo, a das plantas da calçada na frente da casa de fulano, a da vendinha do bairro entre outros relatos do cotidiano. Adicionalmente, as ações promoveram a autonomia dos envolvidos, haja vista que todas as atividades eram passíveis de modificações, assim como os estudantes sempre tinham o poder de escolha e de decisão. Portanto, as atividades que mais estimularam a autonomia dos secundaristas foram a vivência das cartografias afetivas, o passeio fotográfico e a seleção das imagens para a exposição. Nessas ações, os envolvidos, além de serem os protagonistas, tinham a responsabilidade de escolha e decisão sobre o andamento, a realização e o resultados das atividades. Esse protagonismo e autonomia foram refletidos na exposição *Olhares: uma narrativa do cotidiano* que levou para o museu recortes do espaço urbano que usualmente não fazem parte das imagens de divulgação da cidade turística de Tiradentes, conforme exemplificou a sequência de imagens da figura 8.

**Figura 8:** As imagens do bairro Várzea de Bairro produzidas pela estudante L.



**Autora:** Cali. **Fonte:** Acervo pessoal.

Essa sequência de imagens indicou a realidade dos moradores do bairro Várzea de Bairro: casas com infraestrutura deficitária, a rua como extensão da casa, uma vez que o poste é utilizado para prender o varal

de roupas; a tabela de preço do estabelecimento condizente com o poder aquisitivo dos que ali residem; e o meio de transporte.

Já a próxima sequência (figura 9) trouxe detalhes do espaço urbano que não estão relacionados com as características da cidade turística, mas com a subjetividade do fotógrafo.

**Figura 9:** Imagens produzidas pelo estudante Q.



**Autores:** Veltti. **Fonte:** Arquivo pessoal.

As sequências de imagens apresentadas anteriormente, eram apenas algumas seleções de uma variedade muito maior de fotografias que mostraram traços da identidade cultural dos secundaristas, bem como aspectos do cotidiano.

Retomando as ações desenvolvidas com o secundaristas, percebeu-se que elas proporcionaram aos envolvidos um paradigma de ensino-aprendizagem um tanto diferente daquele em que estavam inseridos, haja vista que, mesmo nas atividades realizadas em sala de aula a condução seguia parâmetros distintos dos utilizados naquela instituição, como por exemplo, a disposição das cadeiras em círculo, a autonomia para fazer ou não a atividade proposta, assim como definir a abordagem da atividade. No que se refere às experiências extraclasse, a mudança foi mais significativa, pois o conhecimento e a reflexão aconteciam na rua de forma descontraída e sem nenhuma hierarquia. Ademais, nos passeios fotográficos, a descentralização do saber chegou ao nível máximo, pois desde o início se deixou claro que eles protagonizariam a ação.

Ao longo das ações educomunicativas, aqui relatadas, debateu-se questões referentes à apropriação do espaço, às regras de trânsito, ao transporte público, à fruição de eventos sediados na cidade, às atividades de lazer, à economia do município, ao mercado de trabalho, ao mercado imobiliário, ao comércio, à infraestrutura dos bairros, entre outras particularidades do município. Isso porque, abordar e debater esses assuntos constitui-se uma estratégia para aprofundar o aparato crítico-apreciativo dos secundaristas, a fim de que eles se tornassem cidadãos mais críticos e ativos, cientes tanto de seus deveres, quanto de seus direitos

como membros de uma comunidade. Nesse sentido, as cartografias afetivas (mapas), assim como as imagens produzidas pelos estudantes, demonstraram o exercício da cidadania nos envolvidos, uma vez que, alguns problemas do município são destacados nessas produções.

Apesar de as atividades propostas não terem a adesão de todos os estudantes da turma do 3º ano, uma vez que o número de participantes nas atividades extraclasse foi reduzido, pode-se dizer que o propósito geral das ações foi alcançado. Isso porque as vivências promoveram a reflexão dos secundaristas a respeito do espaço urbano e das relações socioespaciais no município, o que favoreceu o aprimoramento do aparato crítico-apreciativo dos mesmos, conforme relatado ao longo desta análise. Além disso, as imagens produzidas pelos secundaristas refletiram a sensibilidade estimulada ao longo das vivências, uma vez que os temas retratados foram delicadamente escolhidos a partir de um repertório de símbolos identitários que não são de conhecimento geral dos tiradentinos; bem como a criatividade nas composições fotográficas, na escolha dos ângulos e na exploração da luz ambiente, a fim de criar os efeitos desejados nas produções. Essas características presentes nas imagens produzidas pelos estudantes constituíram indícios da sensibilização estética dos mesmos e denotam a supremacia do afeto na metodologia desta pesquisa (cartográfica). Adicionalmente, o trabalho educacional, pelo fato de ter sido desenvolvido de maneira gradativa a partir de ações triviais, produziu sementes multiplicadoras capazes de continuar gerando frutos.

## **Considerações gerais**

As vivências realizadas com os secundaristas mostraram que, por meio de práticas fotográficas interdisciplinares englobando elementos conceituais das artes, das urbanidades e da sustentabilidade é possível elevar a autoestima e estimular a autonomia dos envolvidos, de modo a favorecer o aprimoramento do seu aparato crítico-apreciativo. Isso porque essas práticas educacionais interdisciplinares, além de incorporarem diferentes campos do saber, foram construídas em conjunto e de forma não hierarquizada, o que permitiu que os envolvidos desde o início fossem também protagonistas das ações. Adicionalmente, esse agir educacional estimulou os envolvidos a se posicionarem perante a situação paradoxal em que o município se encontra, ou seja, de expansão desigual e não sustentável da atividade turística, já que a maioria dos secundaristas não se vê representada e nem incluída nos eventos e nas imagens dessa cidade barroca do século XVIII que são vendidas ao público externo. Sendo assim, muitas vezes os estudantes se colocam como observadores nesse espaço e não como fruidores.

Apesar de o fazer educacional pressupor o envolvimento de diferentes campos do saber, observou-se que o ambiente escolar no qual as vivências foram realizadas não está aberto a essa forma de agir, que valoriza o trabalho interdisciplinar colaborativo, incluindo toda a comunidade de aprendizagem. Isso ocorre porque nessa instituição de ensino, o conhecimento não é construído de modo interdisciplinar, mas disciplinar; por isso parece não haver abertura para o trabalho com as artes, já que, dessa forma, os demais campos do saber poderiam referenciar uns aos outros, assim como todos os outros saberes com a área das artes. Além disso, o fato de na escola haver normas e hierarquias pré-estabelecidas metodologias inovadoras precisam ser adaptadas aos padrões vigentes na instituição.

Contudo, existem algumas brechas que o educador pode utilizar para desenvolver suas práticas; foi justamente nessas pequenas aberturas que outros modos de ver e pensar o espaço urbano e as relações socioespaciais foram construídos junto com os envolvidos. As exposições orais, os debates e as comparações de imagens do espaço urbano constituíram a força motriz para que os envolvidos percebessem as relações socioespaciais por meio de ângulos diferenciados. Similarmente outras narrativas do espaço e do cotidiano foram surgindo e esses sujeitos começaram a se reconhecer na fala uns dos outros; assim sendo, características que até então, passavam despercebidas ao olhar superficial, tornaram-se cruciais para o debate sobre Tiradentes enquanto cidade turística, que ao mesmo tempo que gera renda e emprego, restringe o direito à cidadania plena e fomenta a desigualdade social.

Tal circunstância é perceptível nas produções dos secundaristas – destacadas por meio das cartografias afetivas e das imagens – através dos problemas de infraestrutura nos bairros periféricos habitados pelos jovens. Símbolo dessa desigualdade também é a sofisticação dos estabelecimentos comerciais da área central, que não condiz com a realidade de grande parte da população local e nem com a média salarial do município. Esses aspectos, aliados ao fato de a área central ser vista como ponto de venda direcionado aos turistas contribuem para que os secundaristas não se apropriem dos espaços públicos e semipúblicos dessa localidade, o que constitui fator determinante da fruição ou não dos eventos sediados na cidade.

Alguns elementos das cartografias afetivas, formulários e imagens aqui apresentadas levam a crer que a região central e o calendário festivo de Tiradentes são organizados para atender e atrair somente aos visitantes de alto poder aquisitivo. Isso explica o fato de a população local de baixo poder aquisitivo não se identificar como essa parte da cidade e com as celebrações ali realizadas.

O caso tiradentino de gentrificação não contribui para a sustentabilidade social e cultural do município, pois ao mesmo tempo em que promove melhorias no espaço urbano e na economia local essa dinâmica faz aumentar a desigualdade social, bem como opera como dispositivo de restrição dos espaços e das opções de lazer da população de menor poder aquisitivo, ou seja, a população originária. Além disso, em alguns bairros a infraestrutura e os serviços básicos deficitários não condizem com a imagem de cidade turística amplamente divulgada, criando um hiato entre o centro e os bairros periféricos.

## Referências:

BARTHES, Roland. Análise estrutural da narrativa. *In: Análise estrutural da narrativa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1971. Disponível em: <<https://teoriadaliteraturaifb.files.wordpress.com/2014/07/texto-01-analise-estrutural-da-narrativa-roland-barthes.pdf>> . Acesso: 10 jul. 2019.

BARTHES, Roland. **A câmera clara**: Nota sobre a fotografia. Lisboa/Portugal: Edições 70 LTDA, 2009.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. Introdução. *In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (coord.) De volta à cidade*: dos processos de gentrificação às políticas “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006, p. 21-57.

BOMFIM, Filomena Maria Avelina. **Educomunicação & redes**: as estratégias reticulares na implantação de uma política de educomunicação na rede pública de ensino de São João del-Rei. 2017. Tese (Pós-doutorado em Ciências das Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes/Universidade de São Paulo, São Paulo.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. *In: O poder da identidade*: a era da informação. v. 2, 9 ed. São Paulo/Rio Janeiro: Paz e Terra, 2018, p.53-121.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

NEVES, Rodrigo. **História e turismo**: a “mercadorização” do “patrimônio histórico” e a elitização da área central de Tiradentes, Minas Gerais (1980 -2012). 2013. Dissertação (mestrado em História) – Departamento de Ciências Sociais, Política e Jurídicas, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/pghis/dissertacaoorodrigoneves.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais. **Barbarói**, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2471/2743>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo. Gentrificação: Aspectos conceituais e práticos de sua verificação no Brasil. **Revista de Direito da Cidade**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3. p. 1334-135, 2018.

Disponível em:<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/31328>>.

Acesso em: 20 mar. 2019. SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

# SCIA2

Arte/Educação  
Art/Education

ISSN: 2318-8537

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação – O conceito, o profissional, a aplicação: Contribuições para a reforma do Ensino Médio. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

VAN CRIEKINGEN, Mathieu. A cidade revive! Formas, políticas e impactos da revitalização residencial em Bruxelas. *In*: BIDOZ-ZACHARIASEN, Catherine (coord.) **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006, p. 59 - 87.